

SAÚDE DO TRABALHADOR DOCENTE PÓS PANDEMIA DE COVID-19 E QUALIDADE DE VIDA

OCCUPATIONAL HEALTH TEACHERS POST COVID-19 PANDEMIC AND QUALITY OF LIFE

Ana Lúcia Branco Martins Pereira¹
Aline Luiza Pscheidt²
Denise Aparecida de Araújo Kalil³
Renata Campos⁴
Elton Dias Pinheiro⁵
Chelin Auswaldt Steclan⁶
Jaqueline Sueli Horodeski⁷

RESUMO

O comprometimento funcional pós-COVID-19 pode prejudicar a funcionalidade e a capacidade de realizar atividades da vida diária, prejudicar o desempenho no trabalho e dificultar a interação social. Devido à sobrecarga e à forma como as atividades são impostas no ambiente de trabalho durante a pandemia, culminou-se então para o adoecimento dos professores. Por isso, o presente estudo teve como objetivo avaliar a saúde do trabalhador docente após a pandemia de COVID-19 e sua qualidade de vida. Estudo transversal, descritivo analítico e quantitativo, com docentes da região do Planalto Norte Catarinense. Foram utilizados: questionários investigativos com

¹Graduanda do curso de Fisioterapia da Universidade do Contestado, Campus Mafra. Santa Catarina. Brasil. E-mail: ana.pereira@aluno.unc.br

²Graduanda do curso de Fisioterapia da Universidade do Contestado, Campus Mafra. Santa Catarina. Brasil. E-mail: aline.pscheidt@aluno.unc.br

³Mestre em Desenvolvimento Regional. Universidade do Contestado. Campus Mafra. Santa Catarina. Brasil. E-mail: denisek@unc.br

⁴Doutora em Nefrologia. Pró Reitora de Articulação Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade do Contestado. Santa Catarina. Brasil. E-mail: renatacs@unc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8018-6209>

⁵Mestre em Desenvolvimento Regional. Universidade do Contestado. Campus Mafra. Santa Catarina. Brasil. E-mail: elton.pinheiro@professor.unc.br

⁶Doutora em Biologia Celular e Molecular. Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), campus Curitibanos. Santa Catarina. Brasil. E-mail: chelin.steclan@ufsc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1973-9396>

⁷Especialista em Administração Hospitalar e Clínica. Docente da Universidade do Contestado. Campus Mafra. Santa Catarina. Brasil. E-mail: jaqueline@unc.br

questões abertas e fechadas; e questionário para qualidade de vida (Quality of Working Life Questionnaire – QWLQ-bref). A aplicação destes foi por meio de formulário eletrônico on-line viabilizada por meio do aplicativo Google Forms. A população foi composta por 152 docentes, dividida em dois grupos, G1 (tempo de serviço \leq que 15 anos) e G2 (tempo de serviço \geq que 16 anos). A média de idade do G1 foi $35,96 \pm 8,47$ anos e a do G2 $49,17 \pm 7,4$ anos. Independente do grupo, 82,24 % tiveram dificuldade em trabalhar remotamente; 57,89% apresentaram dificuldade de usar tecnologia, apresentaram sono agitado, acordam cansados e apresentavam dor crônica. Evidenciou-se que docentes no contexto pós pandemia COVID-19, reduziram sua qualidade de vida e de trabalho. Porém, os docentes que receberam apoio institucional para as atividades laborais refletiram maior valorização e qualidade de vida no trabalho.

Palavras-chave: pandemia; docentes; qualidade de vida.

ABSTRACT

Post-COVID-19 functional impairment can impair functionality and the ability to perform activities of daily living, impair work performance and hinder social interaction. Due to the overload and the way activities are imposed in the workplace during the pandemic, teachers became ill. Therefore, the present study aimed to evaluate the health of teaching workers after the COVID-19 pandemic and their quality of life. Cross-sectional, analytical and quantitative descriptive study, with teachers from the Planalto Norte Catarinense region. The following were used: investigative questionnaires with open and closed questions; and quality of life questionnaire (Quality of Working Life Questionnaire – QWLQ-bref). These were applied through an online electronic form made possible through the Google Forms application. The population was made up of 152 teachers, divided into two groups, G1 (time of service \leq than 15 years) and G2 (time of service \geq than 16 years). The mean age of G1 was 35.96 ± 8.47 years and that of G2 was 49.17 ± 7.4 years. Regardless of the group, 82.24% had difficulty working remotely; 57.89% had difficulty using technology, had restless sleep, woke up tired and had chronic pain. It was evident that teachers in the post-COVID-19 pandemic context reduced their quality of life and work. However, teachers who received institutional support for their work activities reflected greater appreciation and quality of life at work.

Keywords: pandemic; teachers; quality of life.

Resumo Expandido recebido em: 02/02/2024
Resumo Expandido aprovado em: 14/03/2025
Resumo Expandido publicado em: 19/03/2025
Doi: <https://doi.org/10.24302/redes.v2ianais.5245>

1 INTRODUÇÃO

O profissional professor está exposto aos desafios e exigências com sobrecarga e atividades que repercutem na saúde física, mental e no desempenho profissional dos professores, podendo ocasionar o surgimento de doenças, comprometendo a qualidade de vida e bem-estar docente (Costa *et al.*, 2021).

Os profissionais da educação têm como papel muito importante na socialização de indivíduos, precisam transferir conhecimentos para formar futuros profissionais qualificados e prepará-los para o mercado de trabalho, além de estarem sempre qualificados para exercer suas atividades, mas durante a pandemia do COVID-19 precisaram se reinventar para poder levar conhecimentos aos alunos (Praça, 2020).

Na população geral em docentes, durante a pandemia COVID-19, foram desenvolvidos sentimentos como tristeza, incertezas, angústia, ansiedade e mudanças no estilo de ensinar, assim com sobrecarga de trabalho. Os professores foram obrigados a traçar novas estratégias pedagógicas para melhor se adequar e desempenhar seu trabalho com cuidar da sua saúde (Santos; Oliveira; Soares, 2021).

A COVID-19 representa um risco maior para a saúde pública global, e é uma doença contagiosa que se espalha rapidamente por partículas de gotículas que surgem através da ação de espirros e tosse de uma pessoa infectada. Sendo estes muitas vezes portadores assintomáticos mudando para um cenário de disseminação rápida da infecção na população (Islam Ku, 2020).

O comprometimento funcional pós-COVID-19 pode prejudicar a funcionalidade, a capacidade de realizar atividades da vida diária, o desempenho no trabalho e dificultar a interação social. Os serviços de saúde precisam adequar-se para garantir a recuperação física, funcional e a reintegração social dos indivíduos por meio da reabilitação (Santana; Fontana; Pitta, 2021).

Os professores desenvolveram longas jornadas de trabalho, más condições quanto ao ambiente de trabalho, problemas de disciplina, baixo nível social e profissional, baixa eficácia, condições de vida desfavoráveis, tornando-se ainda mais vulneráveis no cenário de pandemia (Coledam *et al.*, 2020).

Durante a pandemia, para os docentes o agravo geral de assumirem forçadamente os seus deveres regulares de trabalho e a necessidade simultânea de

se adaptar ao inédito processo de ensino a distância com muita resiliência mental. Com todas as mudanças, os professores se sentiram cada vez mais inseguros (Stachteas; Stachteas, 2020). Devido à sobrecarga e à forma como as atividades educacionais e criativas foram necessárias e impostas no ambiente de trabalho na educação, além da distância e o medo pelo contágio da doença, houve significativo impacto e adoecimento dos professores, principalmente por transtornos mentais e comportamentais (Freitas, 2020).

O trabalho dos docentes sempre obteve características particulares, como carga intelectual e envolvimento emocional, mas a atenção especial foi dada aos efeitos negativos sobre a saúde mental dos professores. Essas mudanças expressam uma ampliação das funções e papéis sociais, exigindo o exercício de novas habilidades, além de aumentar a carga horária dos professores (Abs *et al.*, 2021). Por isso, considerando a vulnerabilidade dos professores durante e pós pandemia, este estudo teve como objetivo avaliar a saúde do trabalhador docente após a pandemia de COVID-19 e sua qualidade de vida.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de natureza transversal, exploratório, quantitativo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade da Universidade do Contestado (CAAE - 60795622.9.0000.0117), número do parecer 5.580.462. Realizado em um município do Território da Cidadania do Planalto Norte Catarinense, em setembro de 2022.

Incluídos nesta pesquisa docentes do ensino fundamental, médio e universitário ambos os sexos, com idade igual ou maior que 18 anos. Todos os participantes leram e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), encaminhado anteriormente.

Critérios de exclusão: professores que se aposentaram durante a pandemia, professores em licença saúde por mais de seis meses ou não, docentes durante o período de distanciamento social causado pela pandemia do COVID-19 e questionários incompletos.

A partir de uma revisão da literatura, na qual foram encontradas pesquisas semelhantes, elaborou-se um questionário on-line por meio do Google Forms, contendo perguntas sociodemográficas e com tópicos referentes à atuação profissional, regime de trabalho, carga horária, relação do trabalho com a pandemia, doenças crônicas, patologias diagnosticadas, sono, dores, ansiedade, depressão, adaptação com a tecnologia e rotinas durante período das atividades de ensino remota e a qualidade vida pós pandemia dos docentes.

Para os docentes participarem do estudo, precisavam ler o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE, se concordassem, continuariam a responder o questionário on-line por meio do aplicativo Google Forms no qual constavam dois questionários: o primeiro, para a identificação dos aspectos sociodemográficos e profissionais, composto por 47 questões semi estruturadas pelas pesquisadoras com perguntas múltiplas; e o segundo, um instrumento específico e abreviado de avaliação da qualidade de vida no trabalho (QWLQ-bref) composto por 20 questões.

Aplicado o questionário de qualidade de vida no trabalho - Quality of Working Life Questionnaire versão abreviada - QWLQ-bref. São quatro questões do domínio físico/saúde, três do domínio psicológico, quatro do domínio pessoal e nove do domínio profissional. Com escores de classificação a ser interpretadas: com os índices muito insatisfatório, insatisfatório, neutro, satisfatório e muito satisfatório (Reis Júnior; Pilatti; Pedroso, 2011). Estes com intuito de refletir sobre a qualidade de vida dos professores voluntários referentes ao pós-pandemia de COVID-19.

A análise estatística foi realizada utilizando o software Real Statistics Resource Pack aplicado ao Microsoft® Excel 2021. Para as variáveis quantitativas foi aplicado o teste de normalidade de Shapiro-Wilk. A variável dor (EVA) não apresentou normalidade dos dados, portanto o teste estatístico de Mann-Whitney foi aplicado para comparar as médias de intensidade de dor entre os grupos. Foi realizado uma comparação da idade dos indivíduos e a resposta (sim, não e talvez) para a pergunta de que se o cenário da pandemia (COVID-19) afetou a saúde física e emocional dos indivíduos estudados.

Na comparação entre o cenário da pandemia e a idade, os dados apresentaram normalidade, sendo utilizado o teste anova a um fator para comparar as médias entre os 3 grupos (sim, não e talvez). O nível de significância adotado para este estudo foi

de 0,05 onde $p < 0,05$ indica diferença estatística para todas as variáveis analisadas. No caso das variáveis qualitativas, o teste Qui-quadrado foi realizado para verificar associação significativa entre as variáveis e os grupos G1 e G2. Para as demais variáveis de caracterização da amostra, os dados foram apresentados em forma de frequência e porcentagem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi caracterizada por trabalhadores docentes ($n=152$), com questionários respondidos referentes às alterações da saúde do trabalhador docente após a pandemia de COVID-19 e sua qualidade de vida, os quais pontuaram as condições mais afetadas. Os trabalhadores foram separados em dois grupos, sendo o G1 ($n=84$) aqueles que trabalham na área até 15 anos, e o G2 ($n=68$) aqueles que trabalham na área há mais de 16 anos.

A média de idade do G1 foi de $35,96 \pm 8,47$ anos e a do G2 foi $49,17 \pm 7,4$ anos, 84% do sexo feminino. A predominância desta amostra trata-se 80,3% graduados, com 15,1% mestres e doutores, com 60,5%.

Na Tabela 1, pode-se notar a comparação das médias para a pergunta se o cenário da pandemia (COVID-19) afetou a saúde física e emocional dos colaboradores em comparação com a idade, afirmando que o cenário da pandemia afetou em suas vidas. Ainda no nosso estudo, sentiram-se afetados emocionalmente e na saúde física. No emocional, tiveram muitas incertezas as quais demonstraram medo, angústia, solidão, preocupação, esgotamento mental e descaso com o momento e situação. O que é comprovado por Santos *et al.* (2022), que relata que a pandemia afetou a saúde mental dos docentes, assim, podendo agravar em suas condições físicas. Santana *et al.*, 2022 indica que o nível de atividade física e alimentação saudável tem sido amplamente relacionado com uma melhor qualidade de vida e bem-estar em algumas populações, afirmando que o confinamento fez com que esses professores tivessem restrições para desenvolver atividades físicas, portanto diminuindo significativamente as condições físicas e emocionais.

Tabela 1 – Comparação entre a idade e as respostas sobre o cenário da pandemia ter alterado a saúde dos trabalhadores.

Idade	Sim (n=59)	Não (n=37)	Talvez (n=56)	p-valor
	41,14±9,83	41,51±11,74	42,89±10,03	0,64

Fonte: Autores (2022)

Já na Tabela 2, apresentam-se a prevalência das questões relacionadas ao trabalho e a pandemia para a amostra avaliada, sendo apresentados os valores em forma de frequência e porcentagem. Para Marques *et al.* (2021) ficou evidente no contexto de pandemia, superexploração, a super responsabilidade imposta ao professor com polivalência, desempenhando múltiplas funções que requerem a aquisição de novas habilidades e o desenvolvimento de novas competências. Atribuindo a ele uma sobrecarga de trabalho com as múltiplas tarefas educativas que podem resultar em precarização na sua saúde no seu trabalho. Já para Bazhuni e Silva (2020) durante a pandemia da COVID – 19 acarretou muitos profissionais da docência aflitos, desesperados e estressados devido à pouca habilidade, conhecimento e treinamento para trabalhar remotamente. Neste estudo, corroborando com os autores, obteve-se 67,11% de docentes que receberam algum apoio para trabalhar remotamente.

Segundo Araújo *et al.* (2020) a síndrome do esgotamento profissional, afetou muitos docentes, principalmente com as aulas e seus objetivos impostos sob pressão com as novas adaptações e suas tecnologias, assim resultando em estresse, ansiedade, depressão e incertezas. Este cenário diante do ensino, forçou-os a uma adaptação ao novo processo das tecnologias e aprendizagens (Godoi *et al.*, 2020).

Nosso estudo demonstrou que, em relação a amostra geral, há aqueles que, diante das tecnologias, adaptaram-se bem às mudanças (37,50%), sendo que ainda há aqueles que ainda têm um pouco de dificuldade (57,58%) e com bastante dificuldade (4,61%).

Tabela 2 – Relação trabalho e tecnologia

Variável	Alternativas	n	%
Apoio para trabalhar remotamente	Sim	102	67,11
	Não	50	32,89
Dificuldade em trabalhar remotamente	Sim	125	82,24
	Não	27	17,76
Uso das tecnologias	Adaptei bem as mudanças	57	37,50
	Tenho um pouco de dificuldade	88	57,89
	Tenho bastante dificuldade	7	4,61

Fonte: Autores (2022)

De acordo com Telles e Voos (2021), circunstâncias estressantes graves como depressão, ansiedade, trauma, condição socioeconômica, vida agitada, aumento no uso de tecnologia e mídias sociais implicam em fatores de risco potenciais para distúrbios do sono. Para Nascimento, Cornaccione Junior e Carvalho (2021), as mudanças das rotinas, a privacidade em relação ao contato físico com a sociedade, possivelmente acarretou sensações de frustrações de serem isolados, observando, assim, resultados em altos níveis de angústias e ansiedades.

Em nosso estudo, observou-se que os docentes se consideram, 23,7 % com pouca ansiedade, 25,7% moderadamente ansiosos e 21,7% extremamente ansiosos. Sendo prevalente no G1 (57,14%) o relato de noites mal dormidas com o sono agitado e cansaço ao acordar, podendo ocasionar problemas de memória, cansaço mental. Certamente a falta de sono ou alteração no sono, afetam o humor e aumentam a ansiedade e depressão, levando a um cansaço mental, podendo provocar doenças não transmissíveis como enxaquecas, diabetes, problemas cardiovasculares e até prejudicar a funcionalidade do corpo.

Tabela 3 – Prevalência de ansiedade na população estudada

Variável	Alternativas	n	%
Sobre ansiedade:	Nenhum	10	6,6
	Pouco(a) ansioso(a)	36	23,7
	Ligeiramente ansioso(a)	12	7,9
	Moderadamente ansioso(a)	39	25,7
	Ansioso(a)	33	21,7
	Gravemente ansioso(a)	12	7,9
	Extremamente ansioso(a)	10	6,6

Fonte: Autores (2022)

A Tabela 4 apresenta comparação entre G1 e G2 referente a perguntas do questionário sobre sono. Considerando o nível de significância de 0,05, pode-se notar que não existe associação significativa entre os itens dificuldade para adormecer à noite, acordar de madrugada e não conseguir adormecer novamente, remédios para dormir ou tranquilizante, cansado ao acordar pela manhã, dor de cabeça ao acordar e sono agitado. A probabilidade dos indivíduos que trabalham a mais de 15 anos (G2) de apresentar alguma relevância significativa é igual à probabilidade dos indivíduos que trabalham a menos de 15 anos (G1).

Tabela 4 – Relação do trabalho com o sono

		G1 (n=84)	G2 (n=68)	p-valor
Dificuldade para adormecer à noite	Sim	27 (32,14%)	24 (35,29%)	0,68
	Não	57 (67,86%)	44 (64,71%)	
Acordar de madrugada e não conseguir adormecer novamente	Sim	35 (41,67%)	32 (47,06%)	0,51
	Não	49 (58,33%)	36 (52,94%)	
Remédios para dormir ou tranquilizante	Sim	8 (9,52%)	11 (16,18%)	0,22
	Não	76 (90,48%)	57 (83,82%)	
Cansado ao acordar pela manhã	Sim	50 (59,52%)	42 (61,76%)	0,78
	Não	34 (40,48%)	26 (38,24%)	
Dor de cabeça ao acordar	Sim	20 (23,81%)	21 (30,88%)	0,33
	Não	64 (76,19%)	47 (69,12%)	
Sono agitado	Sim	48 (57,14%)	32 (47,06%)	0,22
	Não	36 (42,86%)	36 (52,94%)	

Fonte: Autores (2022)

Teste Qui-quadrado

*Nível de significância: $p < 0,05$

Para Ferreira e Pezuk (2021) o aumento do impacto na saúde dos professores e o desafio de encontrar um equilíbrio entre responsabilidades profissionais, educacionais, de pesquisa e administrativas durante um tempo extenso de trabalho, tornando-se um desafio aos docentes. O estado emocional dos professores e seu impacto na qualidade de vida e carreira podem ser afetados por situações estressantes, podendo causar malefícios à saúde. Nesse estudo, foram correlacionadas doenças relacionadas ao trabalho com o tempo de trabalho e notou-se associação significativa (p -valor-0,04), ou seja, a probabilidade dos indivíduos que trabalham a mais tempo de apresentar doenças relacionadas ao trabalho é maior do que os indivíduos que trabalham a menos tempo. A tabela 6 apresenta os resultados do teste Qui-quadrado para verificar a possível associação significativa entre as questões apresentadas no questionário e os grupos avaliados, considerando o nível de significância de 0,05.

Segundo Martins *et al.* (2022), os professores que são permanentes tiram mais licenças de saúde do que os professores designados. Porém sendo analisado ao contrário da hipótese inicial, os efetivos têm maior probabilidade de adoecer do que professores designados. O destaque para doenças crônicas foi relatado depressão; ansiedade seguido crise de pânico; doenças osteomusculares em ombro e coluna vertebral, destacando cervical e lombar; as doenças respiratórias, que associam ao uso de giz e hipertensão, seguido de obesidade. Esse estudo houve associação significativa entre apresentar doença crônica e o tempo de trabalho (p -valor=0,05), sendo 38,24% a probabilidade dos indivíduos que trabalham há mais de 15 anos (G2).

Ainda nesse estudo, relacionado ao uso contínuo de medicamentos e o tempo de trabalho (p -valor=0,04), os 57,35% dos docentes do G2 afirmam fazer o uso de medicamentos contínuos assim como 40,48% do G1 também. Respectivamente os indivíduos que trabalham há mais de 15 anos é mais provável fazer uso contínuo de medicamentos do que os indivíduos que trabalham a menos de 15 anos, obteve-se no geral com predomínio em medicamentos para hipotireoidismo, antidepressivos, ansiolíticos, antidiabéticos e anti-hipertensivos.

Pereira *et al.* (2020) relatam que os professores também se enquadram no grupo que sofre com queixas musculoesqueléticas advindas do trabalho: a carga horária, o esgotamento físico e mental e a má postura ao realizar as atividades em sala de aula são alguns dos fatores que causam estes problemas. No nosso estudo, ao apresentar dor e o tempo de trabalho (p -valor=0,03) na população estudada, os indivíduos que trabalham há mais de 15 anos (G2) afirmaram em 72,06% que apresentam dor e 54,76% indivíduos que trabalham a menos de 15 anos (G1). A viabilidade nos indivíduos que trabalham há mais de 15 anos é mais propícia a relatar mais dores.

Tabela 5 – Relação do trabalho com as patologias.

		G1 (n=84)	G2 (n=68)	p-valor
Doença Relacionada ao Trabalho	Sim	27 (32,14%)	33 (48,53%)	0,04*
	Não	57 (67,86%)	35 (51,47%)	
Diagnóstico de doenças crônicas	Sim	20 (23,81%)	26 (38,24%)	0,05*
	Não	64 (76,19%)	42 (61,76%)	
Uso contínuo de medicamentos	Sim	34 (40,48%)	39 (57,35%)	0,04*
	Não	50 (59,52%)	29 (42,65%)	
Dor	Sim	46 (54,76%)	49 (72,06%)	0,03*
	Não	38 (45,24%)	19 (27,94%)	

Fonte: Autores (2022)

Teste Qui-quadrado - *Nível de significância: $p < 0,05$

Segundo Rocha *et al.* (2021) as alterações osteomusculares estão associadas ao tempo prolongado dos fatores biomecânicos relacionados às atividades repetitivas e desenvolvidas em ambiente de trabalho, os sintomas e intensidades das dores, podem variar com o tempo de experiência e atuação na profissão. Neste estudo, pode-se verificar que não houve diferença estatisticamente significativa ($p=0,99$) entre as médias da intensidade da dor para o grupo que trabalha a menos de 15 anos e o grupo que trabalha há mais de 15 anos na docência. Contudo a dor musculoesquelética e sua intensidade é uma consequência de tempo excessivo com esforços repetitivos relacionados ao trabalho diário. A tabela 6 apresenta a comparação das médias e o desvio padrão para a intensidade da dor (EVA) entre os grupos.

Tabela 6 – Comparação do nível de intensidade de dor (EVA) entre os grupos

Dor	G1 (n=84)	G2 (n=68)	p-valor
	5,78±2,11	5,86±2,39	0,99

Fonte: Autores (2022)

Mann-Whitney

*p < 0,05 indica diferença estatística

No que se refere a qualidade de vida no trabalho dos docentes, observou-se através das respostas do questionário QWLQ-BREF, assim considerando o nível de significância de 0,05, pode-se notar que não existe associação significativa em todas as questões entre a variável analisada e os grupos G1 e G2 e na população estudada.

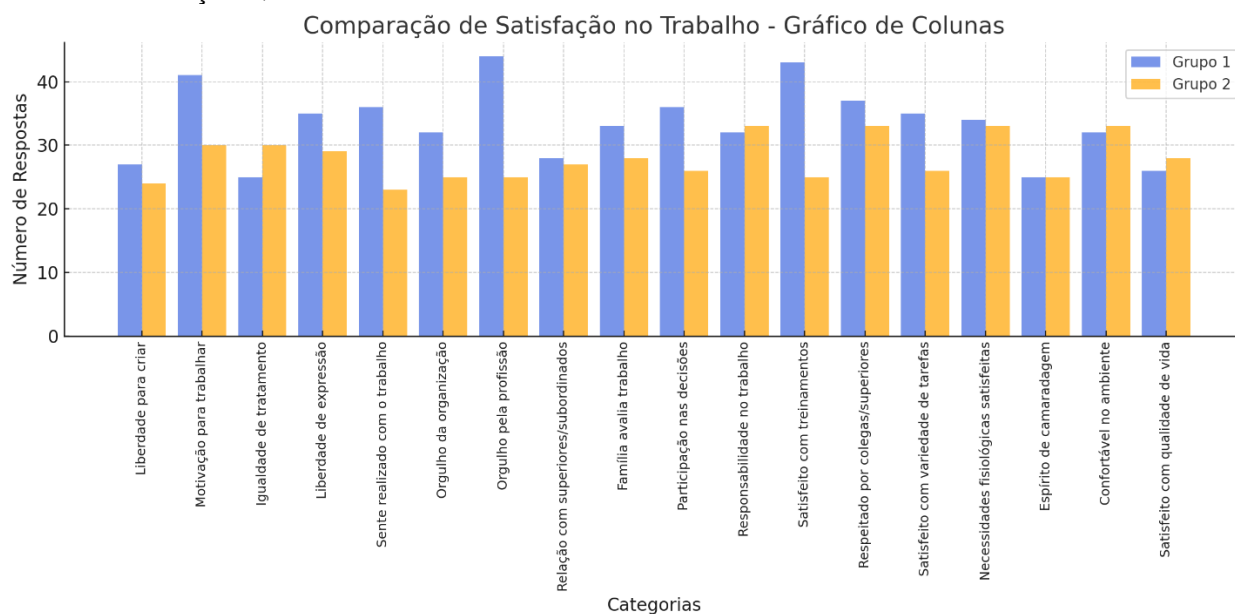
Para Carrer *et al.* (2018) o trabalho dos profissionais docentes é um fator considerado muito relevante para os sentimentos de prazer e satisfação diária com a atuação e ambiente de trabalho, podendo afetar de forma positiva ou negativa a qualidade de vida. Para Praça *et.al.* (2020), os conceitos são essenciais para obter uma boa qualidade de vida no trabalho. No presente estudo, a qualidade de vida no trabalho dos docentes constatou-se que ambos os grupos tiveram pouca discrepância relacionado a criar coisas novas no trabalho resultando em nível satisfatório.

Sanchez *et al.* (2019) aponta que a qualidade de vida no trabalho pode sofrer variações tanto positivas quanto negativas devido aos aspectos pessoais, ambiente de trabalho, saúde dos indivíduos no mesmo âmbito profissional, as condições do trabalho, a satisfação e organização das atividades propostas.

Diante das responsabilidades no trabalho pontuou como satisfatória e em âmbitos familiares a forma que avaliam o trabalho do docente se pontuou em muito satisfatório, mas dentre os grupos os docentes atuantes há mais de 15 anos (G2) tiveram maior prevalência em ambas as alternativas, certamente por quesitos de maiores experiências na área.

Para Lirio *et al.* (2018) a qualidade de vida no trabalho é composta por vários itens que estão incluídos no dia a dia da profissão, quando percebem uma organização, interação, um ambiente saudável e com produtividade, pode-se considerar um ambiente de trabalho, gerando qualidade de vida ao profissional.

Gráfico 1 – Relação Qualidade de Vida no Trabalho



Fonte: Autores (2022)

No Gráfico 1, apesar de alguns pontos, o G1 pontuou com predomínio de satisfação, o G2 apresenta maior prevalência em satisfações positivas em suas áreas e ambientes de trabalho. Professores satisfeitos, valorizados, respeitados, remunerados de forma adequada, com voz ativa, receber os recursos necessários para realizar sua função é o primeiro passo para garantir uma educação de qualidade no ensino, seja no desempenho dos estudantes, na qualidade da escola e no progresso do país. Na descrição dos docentes, a valorização faz com que cheguem vitalizados, animados para transmitir muito conhecimento e essa motivação faz toda a diferença na saúde e qualidade de vida dos docentes assim como um maior rendimento escolar. Professores que receberam apoio e se sentiram mais valorizados passaram pela pandemia com menor dificuldades e conseguiram passar esse período com maior êxito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se neste estudo que, durante a pandemia de COVID-19, os docentes sofreram consequências e adoeceram, tornando-se mais vulneráveis, reduzindo a sua qualidade de vida e impulsionando o aumento expressivo de

mudanças no sistema educacional, impactando na rotina de trabalho dos profissionais docentes, causando dificuldades para novas adaptações com pouco suporte, resultando em insatisfação com o trabalho, sentimentos de angústia, ansiedade, medo, solidão e sendo necessário trabalhar por mais tempo e sem grandes rendimentos.

Vários fatores associados à saúde e a qualidade de vida foram afetados, incluindo o uso de medicamentos, aumento de peso, insuficiência respiratória, enxaqueca, fadiga, mal-estar e adquirindo doenças não transmissíveis tais como hipertensão, enxaquecas, diabetes, sedentarismo e problemas cardiovasculares.

Porém, o presente estudo também evidenciou que docentes que receberam apoio, sentiram-se mais valorizados e tiveram relevância na satisfação na qualidade de vida no trabalho, mesmo com toda insegurança em tempos de pandemia.

REFERÊNCIAS

BAIANO, C. *et al.* Ações de docência durante a pandemia: desafios e oportunidades com as novas tecnologias digitais. **Revista Educação e Novas Tecnologias**, v. 5, n. especial, 2020.

BAIANO, C. *et al.* An update on molecular diagnostics for COVID-19. **Frontiers in Cellular and Infection Microbiology**, v. 10, 2020. Doi: <https://doi.org/10.3389/fcimb.2020.00319>.

BAIANO, C. Z. C.; TEDESCO, A. T. J. K. An Update on Molecular Diagnostics for COVID-19. **Int J Environ Res Public Health**, v. 17, n. 16, p. 5928, 15 ago. 2020. Doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph17165928>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta. **Diário Oficial da União**, 24 ago. 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_trabalhador.pdf. Acesso em: 17 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_de_saude_integral_das_populacoes_do_campo_da_floresta_e_das_aguas.pdf. Acesso em: 17 set. 2022.

BROCH, C. *et al.* A satisfação no trabalho docente em Educação Física: um diagnóstico do perfil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 3, p. 745–768, 2020. Doi: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3179>.

BROCH, C. *et al.* A satisfação no trabalho docente em Educação Física: um diagnóstico do perfil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 31, n. 1, p. 1–12, 2020. Doi: 10.4025/jphyseduc.v31i1.3179.

BRUN, Luciana Gisele; MONTEIRO, Janine Kieling; ABS KIELING, Janine. The impact of quarantine on body image and lifestyle habits in resistance training practitioners. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 31, e3113, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3113>.

BRUN, Luciana Gisele; MONTEIRO, Janine Kieling; ABS, Janine Kieling. The impact of quarantine on body image and lifestyle habits in resistance training practitioners. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 31, e3113, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3113>.

CAMPOS, T. C.; VÉRAS, R. M.; ARAÚJO, T. M. Transtornos mentais e trabalho docente: um estudo sobre a síndrome de burnout em docentes do ensino superior. **Revista Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, n. 3, p. 745-768, 2020. Doi: 10.1590/S1414-43272020000300012.

CAMPOS, Taís Cordeiro; VÉRAS, Renata Meira; ARAÚJO, Tânia Maria de. Transtornos mentais e trabalho docente: indícios associados ao adoecimento na profissão em tempos de pandemia. **VII CONEDU - Conedu em Casa**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://conedu.com.br/trabalhos/transtornos-mentais-e-trabalho-docente-indicios-associados-ao-adoecimento-na-profissao-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 10 out. 2022.

CARRASCH, Cristiane Helena *et al.* Qualidade de vida no trabalho de fisioterapeutas docentes no município de Goiânia, Goiás, Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 9, 2018. Doi: 10.1590/1413-81232018239.15672016.

CASTRO, Bruno Magalhães *et al.* The impact of quarantine on body image and lifestyle habits in resistance training practitioners. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3113>.

COELHO, R. *et al.* O impacto da pandemia na qualidade de vida dos professores. **Revista de Saúde Pública**, v. 35, n. 3, p. 215-230, 2021.

COELHO, R. *et al.* Prevalência e fatores associados ao estresse ocupacional em professores do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 13, n. 2, p. 76-85, 2015.

FREITAS, André C.; PEZUK, Julia Alejandra. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 2, e2020119, 2020. Doi: <https://doi.org/10.5123/S2237-96222020000200008>.

FREITAS, R. F. *et al.* Prevalência e fatores associados ao adoecimento mental de professores durante a pandemia da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, n. 4, p. 283-292, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000348>.

GALLASCH, C. H. *et al.* Prevenção relacionada à exposição ocupacional do profissional de saúde no cenário de COVID-19. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/49596>. Acesso em: 14 mar. 2025.

GODINHO, M. N. Fisioterapia Regenerativa e uso de injetáveis na Fisioterapia. **Revista Saúde em Debate**, 2022.

GODOI, M. *et al.* O ensino remoto durante a pandemia de covid-19: desafios, aprendizagens e expectativas dos professores universitários de educação física. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. 4309108734, 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.8734>.

GONÇALVES; B. A. S.; PEREIRA, K. F; CASSARO, K. O. S. Avaliação do consumo de medicamentos de saúde mental em razão da pandemia de COVID-19 em um município da Grande Vitória. **Revista Espaço Multiacadêmico**, v. 2, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/wp-content/uploads/2022/09/revista-espaco-multiacademico-v02-n01-artigo01.pdf>. Acesso em: 23 out. 2022.

LIMA, L.; SANTANA, A. V. *et al.* Fatores Intervenientes com Sintomas no Trabalho em Tempo de Pandemia. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 15, p. e021-23083, out. 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23083>. Acesso em: 10 out. 2022.

LIMA, M. M.; ARAUJO, A. L. G.; AMORIM, M. A. Vínculo de trabalho no contexto da pandemia da Covid-19. **Educação em Revista**, v. 38, 2022. Epub 21 out. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/47441>. Acesso em: 22 out. 2022.

MACHADO, S. H. *et al.* Avaliação do consumo de medicamentos de saúde mental em razão da pandemia de COVID-19 em um município da Grande Vitória. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 24, n. 11, p. 4111–4122, 2019. Disponível em: <https://e-publicacoes.uerj.br/index.php/reuerj/article/view/49596>. Acesso em: 23 out. 2022.

MARQUES, R. O professor em trabalho remoto no contexto da pandemia da COVID-19. **Revista IOLES**, v. 2021. Doi: 10.5281/zenodo.4642898.

MATTOS, J. G. S. Dores osteomusculares e o estresse percebido por docentes durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, e25110615447, 2021. Doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15447>.

OLIVEIRA, Wanderson Kleber. O professor em trabalho remoto no contexto da pandemia da COVID-19. **Revista Gestão & Planejamento**, Salvador, v. 2, n. 2, maio 2020. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-6621202200000000&lang=pt. Acesso em: 23 jun. 2022.

PEREIRA, J. G. S. M. Fatores associados com sintomas no trabalho em tempo de pandemia. **Revista de Psicologia e Saúde Mental**, v. 24, n. 11, p. 4111–4122, 2019. Disponível em: <https://e-publicacoes.uerj.br/index.php/psicologiaesaudemental/article/view/139377132>. Acesso em: 23 out. 2022.

PRAÇA, L. A. Vínculo de trabalho no contexto da pandemia da COVID-19. **Gestão & Planejamento**, Salvador, v. 2, n. 2, 2020.

REIS JÚNIOR, J. C. **Fatores associados à qualidade de vida no trabalho**. 2021. 168 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2021. Doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd.v22i1.47441>.

ROCHA, R. E. R. *et al.* Fatores Associados Com Sintomas Osteomusculares Em Professores Da Educação Básica. **Revista Inspirar Movimento & Saude**, v. 21, n. 4, p. 1–17, 2021. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=foh&AN=155000364&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 out. 2022.

SANTANA, A. V.; FONTANA, A. D.; PITTA, F. Pulmonary rehabilitation after COVID-19. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 47, n. 1, p. e20210034, 2021. Doi: <https://doi.org/10.36416/1806-3756/e20210034>.

SANTANA, L. L. *et al.* Fatores intervenientes na qualidade de vida docente durante a pandemia da COVID-19. **Revista Real. Investigação Educ**, San José, v. 22, n. 1, p. 219-250, abr. 2022. Doi: <https://doi.org/10.15517/aie.v22i1.47441>.

SANTOS, D. R.; OLIVEIRA, K. F.; SOARES, Z. C. B. Desafios enfrentados pelos professores no cenário de pandemia e pós-pandemia: professores e os desafios encontrados em tempo de pandemia. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 15, p. e02101523083, 2021. Doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i15.23083>.

SANTOS, W. J. *et al.* Saúde física e mental de profissionais de unidades de saúde da família na pandemia do COVID-19. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 27, p. 111-122, jun. 2022. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-216020220001001111&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 out. 2022.

STACHTEAS, P.; STACHTEAS, C. The psychological impact of the COVID-19 pandemic on secondary school teachers. **Psychiatriki**, v. 31, n. 4, p. 293-301, 2020. Doi: <https://doi.org/10.22365/jpsych.2020.314.293>.

TAKENAMI, P. B. *et al.* Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Vigilância Sanitária Em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia**, v. 8, n. 2, p. 54–63, 2020. Doi: <https://doi.org/10.22239/2317-269X.01531>.

TELLES, S. L.; VOOS, M. C. Distúrbios do sono durante a pandemia de COVID-19. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 28, n. 2, p. 124-125, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/1809-2950/00000028022021>.